

Colégio de Aplicação

Universidade Federal do Rio de Janeiro



Admissão **2011**

1ª série

ensino médio

Língua Portuguesa



ADMISSÃO 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLÉGIO DE APLICAÇÃO

CONCURSO DE ADMISSÃO À PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO – 2011

PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA

INSTRUÇÕES:

1. Confira o número de textos (4) e de questões (9) de sua prova.
2. Registre nas folhas de resposta seu número de inscrição no local solicitado, não escrevendo seu nome na prova, **de modo algum**.
3. Você terá 4 horas para concluir as provas de Matemática e Língua Portuguesa.
4. Faça letra legível: o que não for entendido não será considerado.
5. Use caneta azul ou preta.
6. Não é permitido o uso de fita ou líquido corretivo.
7. Responda às questões sempre com suas próprias palavras, a menos que seja solicitada alguma transcrição do texto.
8. Não exceda o limite de linhas traçadas para cada questão.
9. Procure reler a prova antes de entregá-la.
10. Ao final da prova, entregue ao fiscal todos os cadernos das provas de Língua Portuguesa e de Matemática.



TEXTO 1

Adonirando

Artur Xexéo

O ano de 1965 foi movimentado para a música no Brasil. Em abril, Elis Regina cantou “Arrastão”, de Edu Lobo e Vinicius de Moraes, num festival, inventou a MPB e mudou a música brasileira para sempre. Foi em 65 também que Roberto Carlos começou a ser rei e estourou em todo o país com o LP que trazia sucessos como “Quero que vá tudo pro inferno”, “Lobo mau” e “Mexericos da Candinha”. Para quem acha pouco, foi o ano da gravação de “Pedro Pedreiro”, apresentando ao país seu compositor, Chico Buarque de Hollanda. Mas, verdade seja dita, o maior sucesso de 1965, aquele que não parava de tocar no rádio, aquele que era cantado do Oiapoque ao Chuí, aquele que vendeu discos aos quilos, aquele que qualquer brasileiro sabia a letra de cor foi “Trem das onze”, numa gravação do grupo vocal Demônios da Garoa, composta por um certo Adoniran Barbosa.

O divertido caso do filho único que interrompe um encontro amoroso (“Não posso ficar nem mais um minuto com você”), para não perder o último trem para Jaçanã, conquistou o Brasil, que se apaixonou à primeira vista por Adoniran. Bem, à primeira vista é modo de dizer. Adoniran não era exatamente um novato, e essa relação de amor já vinha sendo construída há algum tempo. Oito anos antes do estouro de “Trem das onze”, por exemplo, uma composição sua tinha ficado conhecida nas vozes de Sylvinha Telles e Maysa. “Bom dia, tristeza”, o sucesso de 1957, não tinha nada a ver com a malícia e a simplicidade de “Trem das onze”. Era um samba-canção, gênero típico dos anos 50 do século passado. E falava de amor de uma maneira triste e melancólica.

“Bom dia, tristeza” nem parecia ter sido escrita pelo compositor de “Trem das onze”. E não tinha sido mesmo. Bem, pelo menos 50% não eram do mesmo compositor. A canção é resultado de uma inusitada parceria entre Adoniran e Vinicius de Moraes. A parceria só existiu por obra de Aracy de Almeida. Na época, Vinicius morava em Paris e, por carta, mandou os versos para Aracy. Ela os repassou para Adoniran, pedindo para musicá-los.

Adoniran Barbosa já tinha 55 anos quando foi lançado o maior sucesso de sua vida, “Trem das onze”. Quer dizer, 55 anos para quem acreditasse nas informações de sua carteira de identidade. Adoniran jurava que só tinha 53. Ele teria nascido em 6 de agosto de 1912. Quando fez 10 anos, porém, o pai conseguiu adulterar sua certidão de nascimento, aumentando sua idade em dois anos. Era uma maneira de o menino conseguir trabalho numa fábrica de tecidos que exigia idade mínima de 12 anos para seus empregados.

Daqui a pouco, vão começar as comemorações do centenário de Adoniran. Para ele, essa festa só deveria acontecer em 2012. Taí uma chance de a gente passar dois anos festejando um compositor que não recebeu influência de ninguém, não teve seguidores e deu uma cara muito especial ao samba, uma cara paulista. O Ano Adoniran vai durar 24 meses.



TEXTO 2

Pedro pedreiro

Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem de quem não tem vintém
Pedro pedreiro fica assim pensando

- 5 Assim pensando o tempo passa e a gente vai ficando prá trás
Esperando, esperando, esperando, esperando o sol esperando o trem, esperando aumento
desde o ano passado para o mês que vem

Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã parece, carece de esperar também

- 10 Para o bem de quem tem bem de quem não tem vintém
Pedro pedreiro espera o carnaval

E a sorte grande do bilhete pela federal todo mês
Esperando, esperando, esperando, esperando o sol
Esperando o trem, esperando aumento para o mês que vem

- 15 Esperando a festa, esperando a sorte
E a mulher de Pedro, esperando um filho prá esperar também

Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem de quem não tem vintém

- 20 Pedro pedreiro tá esperando a morte
Ou esperando o dia de voltar pro Norte
Pedro não sabe mas talvez no fundo espere alguma coisa mais linda que o mundo
Maior do que o mar, mas prá que sonhar se dá o desespero de esperar demais
Pedro pedreiro quer voltar atrás, quer ser pedreiro pobre e nada mais, sem ficar

- 25 Esperando, esperando, esperando, esperando o sol
Esperando o trem, esperando aumento para o mês que vem
Esperando um filho prá esperar também
Esperando a festa, esperando a sorte, esperando a morte, esperando o Norte
Esperando o dia de esperar ninguém, esperando enfim, nada mais além

- 30 Da esperança aflita, bendita, infinita do apito de um trem
Pedro pedreiro pedreiro esperando
Pedro pedreiro pedreiro esperando
Pedro pedreiro pedreiro esperando o trem
Que já vem...

- 35 Que já vem
Que já vem
Que já vem
Que já vem
Que já vem

(Composição: Chico Buarque)



TEXTO 3

A lição de violão¹

Como de hábito, Policarpo Quaresma, mais conhecido por Major Quaresma, bateu em casa às quatro e quinze da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia. Saindo do Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, bongava pelas confeitarias algumas frutas, comprava um queijo, às vezes e sempre o pão da padaria francesa.

5 Não gastava nesses passos nem mesmo uma hora, de forma que, às três e quarenta, por aí assim, tomava o bonde, sem erro de um minuto, ia pisar a soleira da porta de sua casa, numa rua afastada de São Januário, bem exatamente às quatro e quinze, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse, enfim um fenômeno matematicamente determinado, previsto e predito.

10 A vizinhança já lhe conhecia os hábitos e tanto que, na casa do Capitão Cláudio, onde era costume jantar-se aí pelas quatro e meia, logo que o viam passar, a dona gritava à criada: “Alice, olha que são horas; o Major Quaresma já passou.”.

E era assim todos os dias, há quase trinta anos. Vivendo em casa própria e tendo outros rendimentos além do seu ordenado, o Major Quaresma podia levar um trem de vida superior
15 aos seus recursos burocráticos, gozando, por parte da vizinhança, da consideração e respeito de homem abastado.

Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo². Se não tinha amigos na redondeza, não tinha inimigos, e a única desafeição que merecera, fora a do doutor Segadas, um clínico afamado no
20 lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: “Se não era formado, para quê? Pedantismo!”.

O subsecretário não mostrava os livros a ninguém, mas acontecia que, quando se abriam as janelas da sala de sua livraria, da rua poder-se-iam ver as estantes pejudas³ de cima abaixo.

25 Eram esses os seus hábitos; ultimamente, porém, mudara um pouco; e isso provocava comentários no bairro. Além do compadre e da filha, as únicas pessoas que o visitavam até então, nos últimos dias, era visto entrar em sua casa, três vezes por semana e em dias certos, um senhor baixo, magro, pálido, com um violão agasalhado numa bolsa de camurça. Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança. Um violão em casa tão respeitável! Que seria?

30 (...) a vizinhança concluiu logo que o major aprendia a tocar violão. Mas que cousa? Um homem tão sério metido nessas malandragens! Uma tarde de sol (...) aí pelas cercanias das quatro horas, as janelas de uma erva rua de São Januário povoaram-se rápida e repentinamente, de um e de outro lado. (...) Que era? Um batalhão? Um incêndio? Nada disto: o Major Quaresma, de cabeça baixa, com pequenos passos de boi de carro, subia a rua, tendo
35 debaixo do braço um violão impudico.

¹ O livro a que pertence esse fragmento chama-se *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e foi publicado em 1915, cinco anos depois de aparecer em capítulos no Jornal do Comércio, um dos mais importantes do Rio de Janeiro, no início do século XX.

² **Misantropo**: aquele que tem ódio ou aversão à sociedade, que evita a convivência e merece a solidão.

³ **Pejudas**: cheias, carregadas.



É verdade que a guitarra⁴ vinha decentemente embrulhada em papel, mas o vestuário não lhe escondia inteiramente as formas. À vista de tão escandaloso fato, a consideração e o respeito que o Major Policarpo Quaresma merecia nos arredores de sua casa diminuíram um pouco. Estava perdido, maluco, diziam. Ele, porém, continuou serenamente nos seus estudos, mesmo porque não percebeu essa diminuição. (...)

Quando entrou em casa, naquele dia, foi a irmã quem lhe abriu a porta, perguntando:

– Janta já?

– Ainda não. Espere um pouco o Ricardo que vem jantar hoje conosco.

– Policarpo, você precisa tomar juízo. Um homem de idade, com posição, respeitável, como você é, andar metido com esse seresteiro, um quase capadócio⁵ não é bonito! (...)

– Mas você está muito enganada, mana. É preconceito supor-se que todo homem que toca violão é um desclassificado. A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede. Nós é que temos abandonado o gênero, mas ele já esteve em honra, em Lisboa, no século passado, com o Padre Caldas, que teve um auditório de fidalgas⁶. Beckford, um inglês notável, muito o elogia⁷.

– Mas isso foi em outro tempo; agora...

– Que tem isso, Adelaide? Convém que nós não deixemos morrer as tradições, os usos genuinamente nacionais...

– Bem, Policarpo, eu não quero contrariar você; continue lá com as suas manias. (...)

(fragmentos da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, Editora Ática, SP, 1986)

⁴ **Guitarra:** Guitarra, no Brasil do século XIX, significava violão

⁵ **Capadócio:** aquele que tem maneiras de canalha, impostor, trapaceiro.

⁶ **Fidalgas:** nobres, pessoas que têm título de nobreza.

⁷ O compositor Domingos Caldas Barbosa, a partir de 1775, divulgou a modinha, cantando-a nas cortes portuguesas, acompanhando-se à viola. Lorde Beckford, em 1786, assistiu a uma reunião na Corte de D. Maria I, em Lisboa, onde modinhas eram tocadas e encantou-se com o seu ritmo.



TEXTO 4

Donga

O samba não surgiu comigo. Ele já existia na Bahia, muito tempo antes de eu nascer, mas foi aqui no Rio que se estilizou.

Assim fala, abraçando o violão, Ernesto dos Santos, o famoso Donga, autor do primeiro samba gravado no Brasil. Hoje funcionário aposentado do Ministério da Justiça e morando
5 numa pequena casa da Rua D. Claudinha, Méier, ele gosta de conversar sobre os bons tempos.(...)

– Por que só em 1917 foi gravado o primeiro samba?

– Porque o samba, considerado coisa de negros e desordeiros, ainda andava muito
10 perseguido. (...) Os sambistas, cercados em suas próprias residências pela polícia, eram levados para o distrito e tinham seus violões confiscados. Na festa da Penha, os pandeiros eram arrebatados pelos policiais. (...) Em 1916, começamos a apertar o cerco em torno da Odeon, para que gravasse um samba. Mas a ocasião só iria surgir no ano seguinte. Foi quando consegui gravar o famoso *Pelo Telefone*. (...)

O samba obteve estrondoso sucesso e andou de boca em boca. (...)

15 Eu tinha conseguido abrir caminho para o samba. E este logo se impôs com a sua característica essencial, que é o ritmo sincopado¹, distinguindo-se de parentes mais próximos, por exemplo, como a marcha². Os sambistas começaram a ser bem acolhidos pelas gravadoras. (...)

E a música popular é quase tudo que existe de bom para Donga. É a sua peculiar visão de
20 mundo: “O ritmo caracteriza um povo. Quando o homem primitivo quis se acompanhar, bateu palmas. As mãos foram, portanto, um dos primeiros instrumentos musicais. Mas como a humanidade é folgada e não quer se machucar, começou a sacrificar os animais, para tirar o couro. Surgiu o pandeiro. E veio o samba. E surgiu o brasileiro, povo que lê música com mais velocidade do que qualquer outro no mundo, porque já nasce se mexendo muito, com ritmo,
25 agitadinho, e depois vira capoeira até no enxergar.”

(fragmentos da obra *Samba, o dono do corpo*, de Muniz Sodré, Editora Mauad, Rio de Janeiro, 1998.)

¹ **Ritmo sincopado:** ritmo característico da música brasileira, principalmente encontrado no samba.

² **Marcha:** gênero musical tradicionalmente tocado no carnaval e em outras manifestações coletivas.

